

FUNARO AO FMI:

“O crescimento brasileiro é inegociável”

18 SET 1985



Em sua conversa com Jacques de Larosière, o ministro foi claro: o País não vai deixar de crescer pelo menos 5% este ano e em 86, e não vai assinar nenhum compromisso que não possa cumprir.

O ministro da Fazenda, Dilsen Funaro, afirmou ontem que “o crescimento brasileiro é inegociável” e que o governo Sarney só fará com o Fundo Monetário Internacional um acordo que possa cumprir. Disse depois que o diretor do FMI e autoridades norte-americanas entenderam e aceitaram sua posição.

Funaro almoçou ontem a sós com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, e depois conversou durante uns dez minutos com técnicos da instituição. De manhã, esteve com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker.

Em todas as conversas (ele visitou Paul Volcker na tarde do dia anterior), o ministro brasileiro disse ter definido com clareza a posição do governo: o Brasil não vai deixar de crescer pelo menos 5% este ano e em 1986 e não vai assinar nenhuma carta de intenção com o FMI que não possa ser honrada.

O ministro disse ter havido uma aproximação importante com o FMI. Depois afirmou que o FMI não é uma instituição que deseja a recessão, deseja, isto sim, que as economias façam os necessários ajustes para crescer. “Sai de lá com a possibilidade de chegar a um acordo este ano (com o FMI)”, declarou Funaro. Disse ter combinado encontro em Seul com De Larosière, na reunião anual conjunta do FMI e do Banco Mundial, e que depois enviaria missão a Washington para discutir um acordo de no mínimo 18 meses e provavelmente de 24 meses.

Fonte da instituição observou que a posição de Funaro não difere basicamente da exposta inicialmente pelo ex-ministro Francisco Dornelles. Quando o governo depois apresentou seus números, o Fundo os rejeitou por julgá-los insuficientes. Quando se perguntou a Funaro se não estaria lendo com olhos otimistas demais o contacto ini-

cial com o diretor-gerente do FMI, ele respondeu afirmando ser homem “extremamente realista”.

— Não penso que ter tido boa reunião muda as coisas. Sei muito bem para o que vim e o que estou fazendo. Tenho muita certeza da posição brasileira e ela não vai mudar — disse, em entrevista dada na Embaixada do Brasil.

“Ajuste custou caro”

Funaro explicou depois que o ajuste econômico custou muito ao Brasil e que, sendo inegociável o crescimento do País, “isso significa que na conversa com o FMI eles já aceitaram” as duas premissas básicas que mencionou para um eventual acordo.

Frisou que o Brasil pagou caro e merece um crédito muito grande nas negociações atuais pelos sacrifícios que já fez. Parte da inflação brasileira é consequência do ajuste interno realizado para que o País pudesse cumprir suas metas externas. Hoje, o Brasil pode mostrar desejo de desenvolvimento e ainda assim continuar realizando o ajustamento. Mas não pode pensar em fazer todos os ajustes de uma vez só, advertiu.

“A prioridade número um do governo é pensar no povo brasileiro.” Em segundo lugar, vem a obrigação de honrar os seus compromissos e “estabelecer políticas que permitam honrá-los”. Até agora, o governo não deixou de fazê-lo e o País está crescendo.

Para ele, o Brasil não pode sofrer mais um ano de recessão porque isso impediria seu avanço tecnológico. Nos últimos quatro anos, a empresa privada pouco investiu. Esse fenômeno tem de ser revertido e a baixa da taxa de juros interna contribuirá para isso.

Funaro salientou que o governo Sarney está agindo com muita austeridade e que são cortados todos os pedidos de “amplia-

ção, suplementação e empregos” que não se enquadram nas prioridades oficiais.

O ministro da Fazenda disse que o Brasil está interessado num acordo de prazo mais longo com os bancos credores e, para logrã-lo, é preciso chegar a acordo com o FMI. O entendimento sobre a forma de supervisão (monitoração) que o FMI exerceria das políticas do governo durante o prazo do acordo plurianual com os bancos seria traçado depois que o FMI aprovasse o programa do governo. “Temos de estudar forma de conviver com o FMI.”

Disse ter explicado com a mesma intensidade as posições do governo Sarney ao secretário do Tesouro e ao presidente do Banco Central dos Estados Unidos. Ambos, segundo afirmou, reagiram com compreensão e simpatia. Roberto Müller Filho, chefe de gabinete do ministro, informou que ele saiu entusiasmado do encontro com James Baker. Como Funaro havia deixado claro na noite anterior, pediu a Volcker também que defendesse os pontos de vista do Brasil na comunidade financeira internacional.

Com Volcker, Baker e De Larosière, Funaro disse ter conversado ainda sobre graus de protecionismo na economia mundial, desentendimentos e coincidências nas políticas de reserva de mercado e possibilidades de industrialização no Terceiro Mundo. A conversa com Volcker anteontem deveria ter durado 15 minutos e acabou durando quase uma hora e meia.

Funaro lembrou a Baker que, na questão da reserva de mercado, há empresas estrangeiras que protestam quando uma nova empresa estrangeira quer instalar-se no Brasil. Como se sabe, o governo norte-americano está protestando contra a reserva de mercado na área de informática, adotada pelo governo brasileiro.

A.M. Pimenta Neves, de Washington.